

O anticlericalismo como um pano de fundo nas Conferências Democráticas

Manuel Gama

Centro de Estudos Humanísticos e Departamento de Filosofia
Universidade do Minho

Palavras-Chave: Conferências Democráticas; Anticlericalismo; Geração de 70; Antero de Quental.

I – O tom geral das Conferências Democráticas e da Geração de 70

1. Por que se retoma este tema, quando ele já foi objeto de bastante aplicação dos estudiosos da cultura portuguesa¹? Primeiramente, no âmbito das Conferências Democráticas (1871) e, mais latamente, na Geração 70, são requeridos mais estudos. Depois, o assunto-problema clericalismo-anticlericalismo tem um significado extenso e profundo entre os vários elementos das mentalidades dos povos, o que lhe dá uma contínua atualidade. Nesse espírito de atualização, houve algo de novo, muito recentemente, quando o Papa Francisco veio dizer que é preciso acabar com a “lepra” do clericalismo, porque “o clericalismo é uma peste na Igreja”. Afirmação tão direta e explícita que, por um lado, representa a novidade de uma crítica “interna”, advinda do representante máximo da Hierarquia da Igreja católica – o que é algo de muito novo - e, por outro, tal atitude do Papa mostra que a luta de Antero e dos seus pares foi uma causa justa, e continua a requerer ação hodierna.

2. As célebres e marcantes conferências, promovidas pelos homens da Geração de 70 – digo propositadamente homens, dado que, na lista de cerca de quatro dezenas de membros, não constava qualquer mulher -, que passaram à história da cultura portuguesa como as Conferências Democráticas ou Conferências do Casino, tiveram a publicitação do seu Prospeto-Programa, na imprensa do dia 17 de maio de 1871, ainda na vigência da experiência revolucionária da Comuna de Paris, a que este grupo de homens estava especialmente atento.

¹ Entre nomes de grande notoriedade na Cultura Portuguesa – de tempos mais próximos -, que têm estudos mais desenvolvidos e aprofundados sobre este período, relevemos: António José Saraiva, Joel Serrão, João Medina, Fernando Catroga, A. Campos Matos, Luís Machado de Abreu, A. Machado Pires, Álvaro Manuel Machado.

Sem quererem, primeiramente, atentar contra as instituições públicas, mas tão só, conforme os seus objetivos explícitos, despertar a “opinião pública”, tendo em mente que a vida dos portugueses podia, e deveria, ser melhor, havendo necessidade, por isso, de alterações várias, nomeadamente ao nível das mentalidades e respetivas atitudes. Para tal, um pressuposto imediato passava pela elaboração e apresentação de rigorosos diagnósticos. Dentre os seus veementes propósitos, estava o «estilhaçar a carapaça fradesca e retrógrada que manietava o desenvolvimento da cultural nacional» na leitura de António Cabral². Havia outros intentos, quer na primordial polémica do Bom Senso e Bom Gosto, quer nos objetivos da Conferências Democráticas, mas o que estava envolto pela «carapaça fradesca» é o que nos interessa aqui, pois é à volta desse novelo que se centra a nossa reflexão.

Após a quinta conferência, proferida por Adolfo Coelho, e dedicada ao tema do ensino, o governo entendeu proibir a realização das demais conferências previstas, através da ordem de encerramento do Casino, onde estavam a decorrer, com fundamento no parecer do Procurador Geral da Coroa, marquês de Ávila e Bolama. A razão fundamental era clara: estava-se na presença de oradores que minavam o *status quo*, que tinham avançado «ideias talvez exageradas e perigosas sobre outros assuntos [para além do do ensino] de muita gravidade» e «que são erróneas e ofensivas das leis, da Constituição e dos corpos do Estado as doutrinas expostas nas preleções a que me referi: que são assim um perigo para a sociedade»³. O que, na realidade, era verdade. Sim, atacaram o sistema e as orientações da religião católica, apostólica e romana, tal como essa religião era entendida pelo Estado, pela Hierarquia religiosa, pela maioria dos portugueses. Sim, atacaram as instituições do Estado - enquanto bloqueadoras das liberdades dos portugueses-cidadãos -, pois o Estado era confessional e a dita religião (católica, apostólica, romana) era, constitucionalmente, a *sua* religião.

Para ampliar o problema, já eram públicos os temas das conferências seguintes, nomeadamente o da sexta – a realizar no dia em que se deu o encerramento do Casino -, que iria ser proferida por Salomão Sáragga, e que detinha um título significativo “Os Historiadores Críticos de Jesus”. Como é fácil de depreender, no contexto da época, o assunto em si mesmo e a convocação de autores como Feuerbach, Renan, David Strauss e Bruno Bauer, como bem

² António Cabral, “Conferências Democráticas”, em *Idem, Dicionário de Camilo Castelo Branco*, Caminho, Lisboa, 1989, p. 197.

³ Sobre a agitação política, incluindo o Parlamento, veja-se o circunstanciado estudo, *As “Conferências do Casino” no Parlamento*, apresentação e notas de José-Augusto França, Livros Horizonte, Lisboa, 1973.

representou o traço de R. Bordalo Pinheiro, levou ao inchamento da cabeça do marquês de Ávila e Bolama, que acabou por estoirar.

3. Antes de se tomar conhecimento, já nos finais do século XX, dum conjunto de 29 cartas de Antero de Quental, - que, após vicissitudes várias e delongas rocambolescas, foram parar ao Arquivo da Companhia de Jesus, em Portugal -, e trazidas a lume com um esclarecedor aparato de notas de Lúcio Craveiro da Silva, não se tinha consciência, com rigor, do tom inicial e geral das Conferências Democráticas, dado por Antero de Quental, uma vez que se dispunha de poucos dados relativos à primeira conferência. Durante décadas, baseado nas fontes de informação disponíveis, o primeiro grande historiador destas Conferências, António Salgado Junior⁴ deu-lhe o título de «O Espírito das Conferências». Título realmente atinente ao “espírito” das Conferências, no entanto, só com a leitura de uma das referidas cartas de Antero, ao seu grande amigo Oliveira Martins – ausente dessa conferência por motivos profissionais, em Espanha -, redigida no dia imediato ao da realização da conferência inaugural, o rigoroso tom geral, para os trabalhos da Geração Nova, aí explicitado, ficou esclarecido. Na prosa epistolar de Antero, certamente fiel ao acontecido, dada a não existência de hiato temporal, as palavras são bem esclarecedoras relativamente ao conteúdo do tom da aurora das conferências e ao seu alcance: «Foi ontem à noite a conferência de inauguração, sendo eu o encarregado de levantar o comum pendão, e de fazer soletrar ao público as palavras fatídicas nele inscritas. Assim o fiz, sem lhes ocultar com que letras se escreve *Revolução, Livre pensamento, Democracia* e (oh horror!) *Socialismo*.»⁵ Portanto, há o anúncio de todo um ideário, a que corresponde um novo horizonte sobre o mundo, sobre os seres humanos, sobre Portugal. O conteúdo de uma carta de J. Batalha Reis, que esteve em pessoa nesse ato inaugural, de que falaremos adiante, vem confirmar o mesmo tom.

Sobretudo Antero de Quental, mas, de um modo geral, os vários membros desta Geração souberam ler e intuir o espírito do tempo da sua época, e, sobretudo, o do porvir,

⁴ Cf. António Salgado Júnior, *História das Conferências do Casino (1871)*, tipografia da Cooperativa Militar, Lisboa, 1930, pp. 25 e ss.

⁵ Antero de Quental, *Novas Cartas Inéditas de Antero de Quental*, Introdução, organização e notas de Lúcio Craveiro da Silva, Faculdade de Filosofia, Braga, 1996, p. 40.

marcado pelas ideias lançadas pelo Mestre, de Socialismo, República, Democracia, Livre-Pensamento⁶.

II – O anticlericalismo nas Conferências Democráticas e na Geração de 70 e sua repercussão

1. Conceito de clericalismo e suas circunstâncias

Como é suposto, o anticlericalismo surge como reação ao clericalismo. Na tentativa da definição dos termos, podemos tomar como boa a aceção desse conceito dada por António Matos Ferreira: «[...] entendido este [o clericalismo] como **instrumento de dominação** quer em si mesmo, quer na sua ligação aos vários poderes na sociedade, nomeadamente ao do Estado.»⁷ Numa linha próxima de interpretação concetual, mas mais abrangente, está também o pensamento de José Eduardo Franco: «O clericalismo é um excesso. O anticlericalismo é uma reação a esse excesso [...]. Excesso de poder, excesso de confiança, excesso de intromissão fora da esfera própria [...]»⁸

Por sua vez, Luís Machado de Abreu especifica ainda um pouco mais, anotando que o anticlericalismo em Portugal despertou, realmente, num “espaço cultural”, marcado pelos denominados laicismo e secularismo, de cariz vincadamente adverso e exterior à Igreja católica, no entanto, anota que «Importa lembrar que a ideia anticlerical tem extensão muito mais vasta do que o referido espaço cultural.»⁹

⁶ No contexto da temática de cariz religioso, que enfocamos aqui, é importante realçar que, apesar do espírito anticlerical, que percorreu aquela Geração, eles eram conhecedores dos textos evangélicos, sendo de interesse olhar para o simbolismo da denominação, que escolheram para o seu local de reuniões, já em Lisboa, a que chamaram Cenáculo, e no seio do qual foram pensadas e gizadas as Conferências Democráticas.

⁷ António Matos Ferreira, “Anticlericalismo”, em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. A-C, Dir. de Carlos Moreira Azevedo, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, p. 79. O negrito é nosso.

⁸ José Eduardo Franco, “Prefácio” a Luís Machado de Abreu, *Portugal Anticlerical. Uma História do Anticlericalismo*, Prefácio de Luís Eduardo Franco, Gradiva, Lisboa, 2019, p. 7.

⁹ Luís Machado de Abreu, *Portugal Anticlerical. Uma História do Anticlericalismo*, Prefácio de Luís Eduardo Franco, Gradiva, Lisboa, 2019, p. 32. Há vários estudiosos proeminentes sobre o anticlericalismo em Portugal. Sem desprimor para nenhum, quero evidenciar aqui o nome de Luís Machado de Abreu, professor da Universidade de Aveiro. Do seu labor e da sua pena têm saído ensaios, publicações, comunicações, organização de encontros científicos, etc., que evidenciam o seu esforço qualitativo e quantitativo nesta causa do conhecimento, desde há longos e profícuos anos.

Tomemos algumas reflexões acerca de dimensões ligadas a esse verdadeiro sistema, no qual há vários vetores a realçar como o da ligação entre o trono e o altar, a destriça entre anticlericalismo e ateísmo, a relação entre clericalismo e analfabetismo.

Sendo situação comum, pelo menos até à modernidade, entre as sociedades ocidentais, a aliança ente o Trono e o Altar¹⁰, entre nós, teve vida mais longa. Com a Lei da Separação do Estado das Igrejas (1911), após a implantação da República, foi dado um passo importante, com especial relevo para a ação de Afonso Costa (1871-1937). No entanto, as mentalidades, algo das camadas subterrâneas da mente, como chamara a atenção Philippe Ariès¹¹, não se modificam com rapidez, de tal modo que, neste capítulo, a aproximação Altar-Trono, não só mental, mas também prático, foi-se conservando, tendo uma das manifestações mais recentes na revisão da Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé, em 2004¹², embora o paulatino esbatimento mental também vá acontecendo.

Coloca-se a questão de saber se havia algum ideário filosófico ou ideológico por detrás do pensamento e do agir do denominado anticlericalismo ou se o seu agir, intelectual e prático, era mais de reação e não tanto de pró-atividade. Já referimos acima, que o anticlericalismo, pelo menos nesta Geração, era claramente de reação ao clericalismo. Não exclui, contudo, que houvesse algumas fontes de inspiração. Luís Machado de Abreu coloca a Filosofia Positiva como o sistema filosófico modelador do anticlericalismo em Portugal, na segunda metade do século XIX¹³. Esta associação é pertinente, no entanto, podemos ver a questão noutra perspetiva, pois o Positivismo e o próprio Ateísmo são correntes filosóficas, enquanto o clericalismo, e o seu contrário, não. Os homens da segunda metade de oitocentos, nomeadamente os das Conferências Democráticas, tomaram o Positivismo sobretudo como forma de investida contra o clericalismo, pois não vemos nos textos dos conferencistas a apologia da terceira e última etapa da Humanidade, enunciada por Comte, a do Estado Positivo. Os Setentistas viram que a já

¹⁰ Sobre este tema, aplicado ao caso português, veja-se Luís Machado de Abreu, «O Trono e o Altar no Discurso Anticlerical Português», em AAVV., *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*, Coord. de Luís A. de Oliveira Ramos, Jorge Martins Ribeiro e Amélia Polónia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2001, pp. 35-46.

¹¹ Philippe Ariès, «L'Histoire des Mentalités», em *La Nouvelle Histoire*, Dir. de J. Le Goff, R. Chartier e J. Revel, Paris, 1980, pp. 402-423.

¹² Sob o ponto de vista formal, com aquela revisão, houve um avanço, como o patenteia o jurista Vera Jardim, ex-ministro da Justiça, em «O fim da "relação ideológica" entre Igreja e Estado», em *Diário de Notícias*, Lisboa, 06/05/2014.

¹³ Cf. Luís Machado de Abreu, «A Filosofia Positiva na Modelação do Anticlericalismo em Portugal», em *O anticlericalismo português: história e discurso*, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2002, pp. 51-70.

disseminada corrente do Positivismo seria uma eficaz fonte de inspiração como combate ao clericalismo. Tanto mais que a basilar Lei dos Três Estados nem sequer se coadunava com as posições filosófico-religiosas de muitos deles, pois não acreditavam que a Humanidade havia chegado à terceira e última era, em que a crença religiosa, de cariz transcendente, ficaria definitivamente erradicada. O seu alvo era outro; não era a religião em geral, nem sequer a cristã, mas concretamente a religião católica, apostólica e romana, com toda a sua roupagem bafienta, que não só não fazia o seu *aggiornamento*, mas sobretudo era cúmplice do obscurantismo mental do povo português.

É indesmentível o papel muito positivo, ao longo da História, da Igreja católica – através do clero regular - na difusão da instrução e da cultura em geral, nomeadamente artística. Apesar disso, para ajudar a entender o referido obscurantismo, tem de se tomar consciência do avassalador analfabetismo, pois a ignorância nunca foi boa conselheira. Pela década de 70, de oitocentos, a taxa de analfabetismo era de cerca de 85%. Os intelectuais – incluindo a plêiade da Geração de 70 – perceberam claramente (na linha dos estrangeirados) que a teia do poder do clericalismo tinha aí situação facilitadora, sendo compreensível que tivesse sido um dos temas escolhidos para as Conferências Democráticas, através da preleção de Adolfo Coelho.

É no contexto do aproveitamento, pelo sistema e membros do clero, daquele patamar de iliteracia explícita e implícita, que se podem entender propostas concretas de profilaxia, como as de Sampaio Bruno¹⁴ ao recomendar, por exemplo, a proibição da confissão auricular, na qual via um veículo privilegiado de domínio do clero, em especial sobre as mulheres que, por sua vez, eram introdutoras das ideias do padre na sua família. Complementarmente, advertia que aquele desiderato só seria realizado se se tornasse o casamento dos padres, não facultativo, mas obrigatório. Portanto, o problema não era algo circunscrito a uma esfera restrita, mas tinha vastas e profundas implicações, que vejo bem traduzidas na expressão de Florbela Gomes, que, ao retratar a realidade portuguesa, da segunda metade de oitocentos, afirma que a questão religiosa era um «fenómeno social total».¹⁵

¹⁴ Sampaio Bruno, *A Questão Religiosa*, Chardron, Porto, 1907, onde ele afirma: «O que dá força ao clero católico não é o dogma: é a confissão auricular.» - p. 439.

¹⁵ Florbela Lopes da Silva Gomes, “A Violência e a Purificação no Anticlericalismo”, em *Atas do Colóquio Anticlericalismo Português: História e Discurso*, Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, Aveiro, 2002, p. 97.

2. O anticlericalismo nas Conferências Democráticas

Como referimos no início, vários estudiosos da Cultura Portuguesa têm-se debruçado sobre o tema do anticlericalismo em Portugal, tanto do ponto de vista da História, como na perspectiva da Filosofia da Cultura, da Literatura, da Sociologia. Por exemplo, Jorge Borges de Macedo tem um estudo que, enfocando todo o nosso século XIX, apresenta um útil quadro operatório, ao dividir essa centúria em três fases – com diversos vetores cada uma – coincidindo a terceira e última, segundo a sua perspectiva, com o arranque das Conferências Democráticas e com a divulgação do positivismo em Portugal¹⁶.

João Medina, por sua vez, num ensaio a que deu o título elucidativo de *A Geração de 70, uma Geração Revolucionária e Europeísta*, tem palavras lapidares sobre este grupo de homens unido à volta de problemas nacionais:

«As Conferências do Casino foram, no seu programa, no seu propósito vago, mas firmemente sentido por quantos nele participaram ou o redigiram, e, sobretudo, na ação ulterior de muitos dos que ali acharam a sua inspiração essencial, uma insurreição cultural no sentido mais amplo do termo, aquele que inclui na noção de Cultura todas as formas superiores do espírito, sem esquecer a visão crítica da Política, como tudo quanto diz respeito à vida na polis, os seus sistemas de valores [...]»¹⁷.

E noutro passo, ao modo de resumo, anota que «[...] os Setentistas [...] propunham-se fazer, em 1871, uma Revolução vital, na literatura e na vida, nas Letras e na *Polis*, concebendo o Socialismo – ou o Republicanismo, consoante as orientações ideológicas de uns e outros –, como o modelo a seguir. Daí que as conferências casinenses possam ser tomadas como uma data-chave da vida portuguesa do Oitocentismo [...]»¹⁸. E, claro, nessa “data-chave”, para a Revolução vital, é muito relevante a denúncia do tentacular clericalismo.

António José Saraiva tem, igualmente, obra decisiva para a compreensão das ideias e da ação deste grupo de homens, a que, também significativamente, intitulou de *A Tertúlia Ocidental. Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e outros*. Ai, toma esta Geração como iluminadora e exemplar, ao mesmo tempo que releva a dimensão dos afetos entre os seus vários membros, ao chamar a atenção para o facto de «Homens desta qualidade intelectual e afetiva (porque nunca se viu entre grandes homens uma amizade tão intensa) foram

¹⁶ Cf. Jorge Borges de Macedo, «O anticlericalismo em Portugal no Século XIX. Ensaio de uma perspectiva sociológica», em *Communio*, Lisboa, 5(1985), p. 448.

¹⁷ João MEDINA, *A Geração de 70, uma Geração Revolucionária e Europeísta*, Câmara Municipal de Cascais / Instituto de Cultura e Estudos Sociais, Cascais, 1999, p. 23.

¹⁸ *Idem, Ibidem*, pp. 28-29.

como carvões que mutuamente se aqueceram e que produziram uma luz que alumiou o final do século.»¹⁹

Luís Machado de Abreu, num dos seus mais recentes estudos – entre os muitos dedicados ao assunto -, em livro cujo objeto é concretamente o anticlericalismo em Portugal, no subcapítulo de “Tempos fortes das políticas anticlericais”, além de outros momentos marcantes, nos séculos XIX-XX, patenteia a devida importância que deve ser dada a esta problemática nas Conferências Democráticas²⁰, apresentando vários e elucidativos enfoques à volta deste tema.

Talvez o estudo mais desenvolvido, em que é entrecruzado o tema da religião com as Conferências Democráticas, seja o de Ana Maria Jorge, embora os seus horizontes convirjam mais para as preleções de Augusto Soromenho e de Eça de Queirós²¹. A sua firme conclusão é lapidar, mas não comungamos da mesma hermenêutica quando a Investigadora afirma que «Estamos perante um novo anticlericalismo que deixando de ter como objeto o comportamento ou a influência do clero, pretende antes esvaziar o **cristianismo** do seu conteúdo doutrinal. – Este é o “leitmotiv” dos setentistas»²². Entendemos que, embora no espírito da sua luta não estejam as Luzes em sentido drástico, a ação dos homens da Geração de 70 teve subjacente essa candeia iluminadora. Apesar disso, não tomaram as Luzes no seu sentido radical racionalista-positivista. Interpretamos que a sua prática não foi pautada pelo velho anticlericalismo iluminístico-jacobino, e daí advém a nossa discordância relativamente à conclusão do raciocínio, acabado de citar, quando em relação aos conferencistas, no mesmo contexto, se diz que teriam pretendido «esvaziar o **cristianismo** do seu conteúdo doutrinal.» Quanto a nós, o que estava em causa não era a doutrina cristã, mas o **sistema “católico”** - nos seus princípios e, sobretudo, nas suas práticas -, que modelava as consciências e a conduta da grande maioria dos portugueses crentes (e não só).

Especificando um pouco mais a nossa interpretação, já nos aproximamos da Autora quando afirma, na parte conclusiva do seu estudo: «Em matéria religiosa, o que está em causa é uma certa resistência em relação ao que era, para eles, o rosto visível do catolicismo português.

¹⁹ António José Saraiva, *A Tertúlia Ocidental. Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e outros*, Gradiva, Lisboa, 1990, p. 14.

²⁰ Cf. Luís Machado de Abreu, *Portugal Anticlerical. Uma História do Anticlericalismo*, Prefácio de Luís Eduardo Franco, Gradiva, Lisboa, 2019, p. 118.

²¹ Ana Maria C. M. Jorge, «Literatura e religião nas conferências do casino: as conferências de Augusto Soromenho e Eça de Queirós», em *Lusitânia Sacra*, Lisboa, 2ª Série 1, (1989), pp. 119-148.

²² *Idem, Ibidem*, p. 140. O negrito é nosso.

Não são propriamente a-religiosos, mas distanciam-se das opções verdadeiramente **cristãs** [sic]. Há um modelo de felicidade a atingir, sem dúvida! Procura-se é construí-lo sem o cultivo da verdadeira interioridade.»²³ No entanto, discordamos da utilização do palavra “cristãs”, onde, em seu lugar, deveria estar “católicas”. O mesmo se passando nesta afirmação: «Estamos à margem do que é a verdadeira compreensão do **crístianismo**.» Na linha do meu raciocínio, acrescentar, ainda damos conta de uma troca de termos, ao citar um artigo de Manuel Clemente, que – quanto a nós, corretamente - utiliza a palavra “**catolicismo**”, mas a Investigadora passa-a para o termo “**crístianismo**”²⁴.

Continuando no mesmo estudo, Ana Maria Jorge apresenta esta interrogação: «Será que em Eça a afirmação do credo proudhoniano funciona como proposta de uma religião alternativa?»²⁵. Interrogação que é de mera dúvida retórica, pois é dada a resposta pela afirmativa. Ora, nós temos posição diversa, dado que, segundo a nossa leitura, entrevemos confusão entre anticlericalismo e negação da religião (conforme a ideia de Proudhon, inspirado em Feuerbach, no sentido de a religião ser apenas a consciência que o homem tem de si mesmo), pois quando nos Setentistas se vê uma forte crítica, não é à dimensão do sagrado, mas tão só à atitude religiosa, conforme a distinção de Mircea Eliade, criador da binomia sagrado-religioso²⁶, para o estudo da fenomenologia da religião, e que ajuda a entender a orientação do ideário desta Geração. De um modo geral, a ação dos seus membros não incidia na dimensão do sagrado, mas tão só na do religioso, na atitude religiosa, isto é, na exterioridade.

3. O anticlericalismo nas “Causas da decadência”

Os ataques mais incisivos e demolidores ao clericalismo da Igreja católica, no seu todo e na circunscrição Ibérica, no âmbito das Conferências Democráticas, foram feitos na segunda palestra, por Antero de Quental, que acabou por ser o título, que mais vivo ficou na memória da

²³ *Idem, Ibidem*, p. 139. O negrito é nosso.

²⁴ *Idem, Ibidem*, p. 140, nota 76.

²⁵ *Idem, Ibidem*, p. 138.

²⁶ Sobre esta dimensão do pensamento de Mircea Eliade, veja-se, por exemplo, Manuel Gama, «A Fenomenologia da Religião (Mircea Eliade) e os Escritos da Irmã Lúcia (1907-2005)», em *Pensar Fátima, Leituras Interdisciplinares. Atas do Congresso Internacional do Centenário de Fátima*, Coordenação de Marco Daniel Duarte e Pedro Valinho Gomes, Vol. I, Edições do Santuário de Fátima, Fátima, 2021, pp. 312-315.

posteridade, *Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos*²⁷. Ao enumerar as três causas da decadência dos povos peninsulares, Antero aponta a religioso-moral como a mais deletéria para os povos peninsulares²⁸. E compara-nos a outros povos onde o espírito da Reforma teve verdadeiro eco. Entre nós, peninsulares, ganhou raízes o Catolicismo tridentino, baseado na Teologia dogmática, assente no formal, no institucional²⁹. Por sua vez, naqueles outros povos da Europa, ligados à Reforma, medrou uma religião do sentimento vivo e cheia de humanidade, logo com liberdade moral³⁰. Como esta causa tem implicação direta no pensamento, são evidentes as consequências. Assim, a máxima, que ele associa aos Jesuítas, do *perinde ac cadaver* (obedecer “como um cadáver”) era, afinal, o desejo e a prática da união entre o Trono e o Altar em ambos os povos peninsulares³¹. Antero, após os considerandos acabados de enunciar, sintetiza os efeitos do «terror religioso», que fez «de duas nações generosas, hordas de fanáticos endurecidos, o horror da civilização.»³² E o pendular conferencista do Casino não só estava a fazer uma leitura do seu tempo, mas também, sem o imaginar, a dar-lhe um grande alcance prospetivo, culminando com um recorte de cariz nietzscheano:

«Há em todos nós, por mais modernos que queiramos ser, há lá oculto, dissimulado, mas não inteiramente morto, um beato, um fanático ou um jesuíta. Esse moribundo que se ergue dentro de nós é o inimigo, é o passado. É preciso enterrá-lo por uma vez, e com ele o espírito sinistro do catolicismo de Trento.»³³

Mal sondaria Antero que esse espírito se prolongou pelo tempo fora, e não só na Ibéria, mas em muito mundo e, pior, dentro da própria Hierarquia da Igreja católica, a tal ponto que o seu Pontífice máximo, o Papa Francisco, já no andar do século XXI, viria proclamar, ao modo de *urbi et orbi*, que é preciso acabar com essa “lepra do clericalismo” (como já referido), apensando, assim, mesmo sem deliberação própria, o título de “sumo chefe” do anticlericalismo.

²⁷ É extraordinária a quantidade de edições deste texto, tanto de forma isolada como inserido em antologias. E há prefácios muito valiosos como os de Eduardo Lourenço, Onésimo Teotónio de Almeida, mas destaco o curioso e incomum de F. Carvalho Rodrigues, na edição d’ *A Bela e o Monstro - Rapsódia Final*, s.l., de 2020.

²⁸ Cf. Antero de Quental, *Causas da decadência dos povos peninsulares*, 4ª ed., Ulmeiro, Lisboa, 1982, p. 49.

²⁹ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 33.

³⁰ Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 37 e ss.

³¹ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 39.

³² *Idem, Ibidem*, p. 46.

³³ *Idem, Ibidem*, p. 49.

A seguir a esta segunda conferência de Antero, o seu colega nas lides revolucionárias, Jaime Batalha Reis, veio confirmar, na sua própria hermenêutica, a tônica religiosa como a mais marcante “terrível causa” da decadência. Logo após o evento público, Batalha Reis comentava em carta à sua namorada, em eloquente prosa, mas mais denotativa do que conotativa:

«Minha Celeste, venho de ouvir o Antero. Foi magnífico. É um discurso que é um verdadeiro acontecimento: marca uma época em Portugal. Pode-se dizer que é a primeira vez que, em Portugal, entra o espírito moderno e a primeira vez que aqui se expõe, se fundamenta, se prova à evidência que o catolicismo foi uma das causas, a mais terrível causa, da decadência de Portugal e da Espanha.»³⁴

Quer pelo tom deixado na primeira conferência, quer pelas ideias fortes, que apresentou nesta segunda preleção, quer ainda, pelo papel de mestre que os demais membros desta Geração lhe reconheciam e, acima de tudo, pelos horizontes vindouros que perscrutou, levaram a Luís Machado de Abreu a concluir que Antero de Quental deu uma «orientação metafísica e mística»³⁵ às Conferências Democráticas. Análise que tomamos como muito pertinente e certa, e que vinca a ideia de que o espírito anticlericalista da Geração de 70 não significava o enveredar geracional pelos caminhos do ateísmo e/ou do materialismo. Aliás, embora consideremos esta dimensão como um dos panos de fundo, este assunto específico não era a motivação aglutinadora desta Geração. A grupo unia-se à volta de “problemas”, sendo o principal o da “decadência nacional”, ou, de modo mais abrangente, a sua preocupação “por Portugal”. O que, entre outras coisas, passava necessariamente pela libertação das consciências e da conduta dos portugueses da subordinação direta das orientações da Igreja. Ou seja, como enunciaram Fernando Catroga e Archer de Carvalho, a sua ação, para além das implicações políticas, «passava pela força que colocavam no combate cultural, ou melhor, na formação de uma nova *élite* capaz de transformar a consciência coletiva e criar um novo poder espiritual.»³⁶

António José Saraiva³⁷ anota que as *Causas da decadência* não mostram grande originalidade, dadas as influências de Alexandre Herculano. Por seu lado, Fernando Catroga e

³⁴ Carta de J. Batalha Reis, nos Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal. *Apud* Maria Filomena Mónica, *Eça de Queirós*, 4ª ed., Quetzal Editores, Lisboa, 2001, p. 90.

³⁵ Luís Machado de Abreu, «A Filosofia Positiva na Modelação do Anticlericalismo em Portugal», em *O Anticlericalismo Português. História e Discurso*, Centro de Línguas e Culturas / Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2002, p. 64.

³⁶ Fernando Catroga e Paulo Archer de Carvalho, *Sociedade e Cultura Portuguesas II*, Universidade Aberta, Lisboa, 1996, p. 158.

³⁷ Cf. António José Saraiva, *A Tertúlia Ocidental. Estudos sobre Antero de Quental*, Oliveira Martins, *Eça de Queiroz e outros*, Gradiva, Lisboa, 1990, pp. 44-45.

Archer de Carvalho³⁸ encontram “diferenças” nos diagnósticos decadentistas feitos por aqueles dois pensadores oitocentistas, havendo mesmo uma linha crítica de modernidade no texto de Antero, enlaçada na crítica dos estrangeirados, e prosseguida aí por adiante. Apesar de tudo, o papel da Geração de 70 e, concretamente, as ideias e a ação das Conferências Democráticas foram uma “provocação” e uma “insurreição” contra o decaído Portugal, pela salvação do qual muitos se empenharam e que em Antero vemos, por assim dizer, a causa da sua vida.

4. Do passado ao presente: a atualidade do problema

4.1 Como demos já a entender, há um “espaço cultural” do anticlericalismo - não só em Portugal -, mas que não se confina a um espaço e a um tempo determinados. Ele tem o mesmo alcance do da Igreja católica, pois é universal e faz, igualmente, parte de outras confissões religiosas. Como efeito da repercussão futura, até à atualidade, deste problema, passados 150 anos, após as referidas conferências, rememoremos que, desde há não muito tempo, apareceu uma dimensão nova: o anticlericalismo, de marcadamente “exterior” e “mau”, passou a “interior” e “pedagógico”, ganhando especial ânimo com as intervenções do Papa Francisco.

Ainda que faltasse alguma originalidade nas anterianas causas da decadência, como anotado acima, o ideário apresentado tem, pelo menos, um duplo vinco: por um lado, ao ser a conferência-chave das Conferências Democráticas, imediatamente as ideias nela contidas, não só traduziam o pensamento comum àquela plêiade, como também foi dado àquele ideário um protagonismo, que se manteve até hoje³⁹. Por outro lado, com maior ou menor originalidade, teve a virtude de ser um pensamento prospetivo, pois, olhando para a “causa religiosa”, apontada por Antero, após centena e meia de anos, finalmente, de dentro da própria Igreja, do topo da Hierarquia veio assumir-se a existência de clericalismo no seu interior⁴⁰. Como, também, recentemente, membros do clero secular e regular têm dado eco a este problema a partir de “de

³⁸ Cf. Fernando Catroga e Paulo Archer de Carvalho, *Ob. Cit.*, p. 160.

³⁹ Veja-se, por exemplo, Viriato Soromenho-Marques, «A conferência do casino de Marcelo», em *Diário de Notícias*, Lisboa, 01/05/2021.

⁴⁰ O Sumo Pontífice Francisco afirmou: «O clericalismo é uma perversão na Igreja» (<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-08/papa-francisco-igreja-clericalismo-jovens-sinodo.html>). Consulta em 16-05-2021.

dentro”, como, por exemplo, um sacerdote português, com protagonismo público, o padre Portocarrero de Almada vem avivar o assunto, referindo as palavras do Papa Francisco e afirmando que «A rigidez está de moda hoje em dia, e a rigidez é uma das manifestações do clericalismo. O clericalismo é uma perversão do sacerdócio.»⁴¹ E, na mesma linha, outro clérigo, o padre Tiago Freitas, da Arquidiocese de Braga, ao perorar com base na intervenção pública do Papa, afirma que há «uma dimensão mais profunda no clericalismo e que tende a ser desvalorizada. Ele assenta em três pressupostos inconscientes»⁴², que ele explicita.

Naquela mesma direção, e em sua confirmação, da parte do clero regular, se têm debruçado sobretudo frei Bento Domingues, frade dominicano, e o padre Anselmo Borges, da Sociedade Missionária da Boa Nova, ambos com contributos valiosos e clarividentes semanais na imprensa, respetivamente nos jornais *Público* e *Diário de Notícias*. O frade dominicano, com a sua reconhecida autoridade, é incisivo e busca os fundamentos do problema, aduzindo que

«Hoje, na Igreja continua-se com a mentalidade de Pio X [conforme palavras registadas na encíclica *Vehementer Nos*, 1906 (n.º 22) [3] Gal 3, 27-28]: “Esta sociedade [a Igreja] é essencialmente desigual, quer dizer, uma sociedade composta por distintas categorias de pessoas: os pastores e o rebanho, os que têm um posto nos diferentes graus da hierarquia e a multidão dos fiéis. E as categorias são de tal modo distintas umas das outras, que só na pastoral residem a autoridade e o direito necessários para mover e dirigir os membros para o fim dessa sociedade, enquanto a multidão não tem outro dever senão deixar-se conduzir e, como dócil rebanho, seguir os seus pastores.”»⁴³

Anselmo Borges, quer pela palavra escrita, quer por meios audiovisuais, tem tido constante abordagem-denúncia desta situação, de que são sinais fortes a sua colaboração semanal na imprensa periódica.

4.2 Antero, no ideário da sua segunda conferência, concretamente na causa religiosa, intui claramente que a essência do homem está no seu ser “relacional”, como vieram a enveredar os estudos de Antropologia Filosófica, sobretudo no pós II Guerra Mundial, no ser do

⁴¹ P. Gonçalo Portocarrero de Almada, «O Papa Francisco, o clericalismo e a rigidez do clero», em jornal *Observador*, Lisboa, 17 de julho de 2021.

⁴² Tiago Freitas, «Clericalismo. Um problema real», em *Diário do Minho*, 05 de outubro de 2021. O 1º desses três “pressupostos inconscientes” enuncia-o assim: «O primeiro é a perceção que os sacerdotes têm da sua identidade. Acreditam que, pela ordenação, se opera uma *mudança ontológica* que os torna distintos dos demais cristãos. Normalmente, tal perceção é acompanhada por um sentimento de superioridade espiritual e moral.»

⁴³ Frei Bento Domingues, «Não à ideologia do retrocesso», em *Público*, 26 de setembro de 2021.

ser humano estarem primeiramente os sentimentos, ideia *avant la lettre*, confirmada e justificada, nomeadamente nos estudos de António Damásio⁴⁴.

III – Recapitulando

1. No assunto do clericalismo-anticlericalismo estamos na presença de um problema de poder, e da liberdade como valor e como alimento existencial na livre orientação da conduta do ser humano, no caso concreto, do português. A oposição deliberada contra o clericalismo, assumida por esta Geração, foi uma causa prospetiva, no sentido de ir no encalce do fundo do *ethos*. Foi, pois, um Grupo luminoso para o seu tempo e para a posteridade.

Outro pano de fundo desta tensão assentava, não só na tradicional oposição crentes/católicos *versus* ateus/agnósticos, mas igualmente numa determinada conceção dentro da própria Igreja. Ou seja, para a Hierarquia, de um lado, existia um “nós”, os dessa Hierarquia (desde o papa até aos padres), do outro, estavam os “outros”, os demais membros crentes católicos. Ou tomando a metáfora ainda em uso: dum lado, o “rebanho”, do outro, os seus “pastores”. O que, na prática, correspondia aos que mandavam e aos que obedeciam, conforme a referida encíclica de Pio X. Ainda que, eventualmente, neste segundo grupo pudessem/possam estar pessoas com uma experiência místico-pessoal de nível superior.

A denúncia pública atual daquela situação começa a expandir-se a partir de “dentro”, por casos isolados como o de frei Bento Domingues, mas ainda com tímida abertura, aproveitando a intervenção papal. A propósito do texto da convocatória do próximo sínodo – acabado de ser tornado público -, feita pelo Papa Francisco/Bispo de Roma, frei Bento faz acutilantes considerandos:

«Realça [o referido texto] que o cristianismo deve ser sempre humano, humanizante, deve reconciliar diferenças e distâncias, transformando-as em familiaridade, em proximidade. Um dos males da Igreja, aliás uma perversão, é esse **clericalismo que separa** o padre, o bispo das pessoas. O bispo e o padre separado das pessoas é um funcionário, não é um pastor.»⁴⁵

⁴⁴ De António Damásio, veja-se, entre outros, o seu último livro *Sentir & Saber. A caminho da consciência*, Temas e Debates, Lisboa, 2020.

⁴⁵ Frei Bento Domingues, «Não há família. Há famílias», em *Público*, 03 de outubro de 2021. O negro é nosso.

2. Na Geração de 70, sobretudo pela pena de Antero de Quental, assistimos à importância dada ao sentimento, ao relacional, sobretudo no domínio da crença, aspetos que veremos desenvolvidos nas futuras orientações da Antropologia Filosófica, no século XX, sobretudo no pós-II Grande Guerra⁴⁶. Mas não só em Antero, pois vária da produção literária ia no mesmo sentido, como se pode observar, por exemplo, no *Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós, ao qual Oliveira Martins se referiu dizendo que era o único romance que Eça trouxera no ventre⁴⁷, e que gerara como um bom antídoto à situação que ele via em Portugal, em que o povo não era católico, mas padrista. A ideia da prioridade dos sentimentos, vemo-la hoje confirmada e justificada nomeadamente nos estudos de A. Damásio.

3. É de forte carga simbólica, que Rafael Bordalo Pinheiro, o grande repórter das Conferências Democráticas, no conjunto de desenhos a elas alusivos, tenha aplicado o seu traço humorístico-trocista, e que, no último quadro, apareçam vários padres e um burro a aplaudirem a proibição da continuidade das palestras, interdição essa concretizada na figura do marquês de Ávila e Bolama, coroadado, com a sarcástica legenda «e... Viva a liberdade!!!»⁴⁸. Portanto, no seu olhar, havia uma consonância entre o poder instituído (o marquês), a “santa” ignorância⁴⁹ (o burro) e o clericalismo vigente (os padres).

4. Embora a Inquisição ou Santo Ofício, formalmente, tenha sido uma instituição abolida nos inícios do século XIX, a sua presença manteve-se nas estruturas mentais, e também nas disposições da própria Igreja católica com os novos nomes de Sacra Congregação do Santo Ofício (1908) e Congregação para a Doutrina da Fé (desde 1965 até ao presente), com interferências no magistério de vários professores católicos, do próprio clero, como, por exemplo,

⁴⁶ Já nas *Causas da decadência*, Antero tinha sido claro neste assunto, voltando a sê-lo nesta carta, possivelmente também de 1871, para Teófilo Braga: «Seremos, em religião, pelo sentimento criador do coração humano contra os mitos doutrinários das teologias.» *Apud* António José Saraiva, *A tertúlia...*, *Op. Cit.*, pp. 43-44.

⁴⁷ Cf. *Dicionário de Eça de Queiroz*, org. e coord. de A. Campos Matos, Caminho, Lisboa, 1988, p. 167.

⁴⁸ Em *A Berlinda*, nº 7 (1871). Sobre o tema das Conferências Democráticas e Rafael Bordalo Pinheiro, pode ver-se o nosso estudo «Rafael Bordalo Pinheiro: o hermeneuta (pelo traço) das “Conferências Democráticas”», em *A Geração de 70. Alberto Sampaio e os «Outros»*, org. por Manuel Gama, Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho, Braga, 2008, pp. 159-177.

⁴⁹ No início da década de 70, de oitocentos, o analfabetismo andaria pelos 85%.

Hans Küng ou A. Torres Queiruga, ou ainda o ex-padre Eugen Drewermann⁵⁰ e, entre outros, em alguns membros da chamada Teologia da Libertação.

5. Ainda hoje, predomina muito a mentalidade de que o conhecimento adstrito à “coisa religiosa” é exclusivo das instituições e dos membros ligados às Igrejas – em Portugal, tradicionalmente, a Igreja católica -, para o que, certamente, muito contribui o facto de os estudos superiores de Teologia terem ligação administrativa exclusivamente à Igreja católica e, do ponto de vista organizacional, à Universidade Católica Portuguesa.

6. Num recente estudo, realizado no âmbito da revista *Proteste*, em que se procurou medir o nível de conhecimento e o grau de confiança dos portugueses em relação às principais instituições portuguesas, a Igreja Católica ocupa a 13ª posição, com uma pontuação de 5,4 (numa escala de 0-10)⁵¹. Quando se faz aparecer o mundo e a vida revestidos de uma falsa aparência religiosa (de salvação), a raia um ambiente de transcendência, e isso não passa de uma capa, é a pior das perversões, que grande número de crentes já consegue desconstruir, sabendo distinguir o essencial do acessório.

7. Após a recente intervenção do Papa sobre o problema do clericalismo dentro da Igreja católica, à guisa de *Urbi et Orbi*, vieram a terreiro público, restringindo-nos só a Portugal, várias vozes do clero regular e secular (frei Bento Domingues, padre Portocarrero Almada, padre Tiago Freitas), encetando críticas “internas” ao clericalismo, como, igualmente, e de forma incisiva, o vinha já fazendo o padre Anselmo Borges nos seus artigos em periódicos e outros meios audiovisuais. Um dos últimos registos, tão a propósito deste assunto, foi o de Frei Bento Domingues: «Em Outubro [de 2021], aconteceu algo de absolutamente extraordinário: a abertura oficial de um sínodo, já não exclusivo dos bispos, mas de toda a Igreja. Atrevo-me a dizer que esta é a decisão mais importante de todo o pontificado de Bergoglio. Porquê? Porque é o golpe radical no clericalismo, que pretendia mandar e não servir a missão de toda a Igreja no mundo contemporâneo.»⁵² Algo que Antero e os seus pares já haviam proclamado há 150 anos! Tenhamos esperança, pois, como diz o velho adágio, água mole em pedra dura...

⁵⁰ Veja-se a propósito este seu livro, Eugen Drewermann, *Funcionários de Deus: psicograma de um ideal*, trad. portuguesa, Inquérito, Lisboa, 1994.

⁵¹ Cf. *Proteste*, nº 438, outubro (2021), pp. 10-14.

⁵² Frei Bento Domingues, «Papa Francisco, cidadão do mundo (2)», em *Público*, 14-11-2021.

8. Aliás, e em conclusão, a **sabedoria do senso comum** foi aprendendo a contornar a rigidez dos trilhos “corretos” indicados pela Igreja, assim como foi olhando para esta situação e foi fazendo a sua crítica, muitas vezes com caráter humorístico e mordaz, acabando por realizar uma espécie de justiça moral através de um vasto anedotário⁵³, dando eco ao velho aforismo latino do *ridendo castigat mores* (rindo, corrigem-se os costumes).

REFERÊNCIAS

- ABREU, Luís Machado de, «A Filosofia Positiva na Modelação do Anticlericalismo em Portugal», em *O Anticlericalismo Português. História e Discurso*, Centro de Línguas e Culturas / Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2002, pp. 51-70.
- ABREU, Luís Machado de, «O Trono e o Altar no Discurso Anticlerical Português», em AAVV., *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*, Coord. de Luís A. de Oliveira Ramos, Jorge Martins Ribeiro, Amélia Polónia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2001, pp. 35-46.
- ABREU, Luís Machado de, *Portugal Anticlerical. Uma História do Anticlericalismo*, Prefácio de Luís Eduardo Franco, Gradiva, Lisboa, 2019.
- ALMADA, P. Gonçalo Portocarrero de, «O Papa Francisco, o clericalismo e a rigidez do clero», em jornal *Observador*, Lisboa, 17 de julho de 2021.
- ARIÈS, Philippe, «L'Histoire des Mentalités», em *La Nouvelle Histoire*, Dir. de J. Le Goff, R. Chartier e J. Revel, Paris, 1980, pp. 402-423.
- BRUNO, Sampaio, *A Questão Religiosa*, Chardron, Porto, 1907.
- CABRAL, António, «Conferências Democráticas», em *Idem, Dicionário de Camilo Castelo Branco*, Caminho, Lisboa, 1989, pp. 197-198.
- CATROGA, Fernando e CARVALHO, Paulo Archer de, *Sociedade e Cultura Portuguesas II*, Universidade Aberta, Lisboa, 1996.
- DAMÁSIO, António, *Sentir & Saber. A caminho da consciência*, Temas e Debates, Lisboa, 2020.
- DOMINGUES, Frei Bento, «Não à ideologia do retrocesso», em *Público*, 26 de setembro de 2021.
- DOMINGUES, Frei Bento, «Não há família. Há famílias», em *Público*, 03 de outubro de 2021.
- DOMINGUES, Frei Bento, «Papa Francisco, cidadão do mundo (2)», em *Público*, 14 de novembro de 2021.
- DREWERMANN, Eugen, *Funcionários de Deus: psicograma de um ideal*, trad. de M. C. L. da Fonseca, Inquérito, Lisboa, 1994.
- ELIOT, T. S., *Notas para uma Definição de Cultura*, Trad. port., Edições Sécuro XXI, Lisboa, 1996.
- FERREIRA, António Matos, “Anticlericalismo”, em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. A-C, Dir. de Carlos Moreira Azevedo, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, pp. 79-82.
- FRANÇA, José-Augusto (Apresentação e notas), *As “Conferências do Casino” no Parlamento*, Livros Horizonte, Lisboa, 1973.

⁵³ Cf. Paulo Correia de Melo, *Anedotas e Outras Expressões de Anticlericalismo na Etnografia Portuguesa*, Roma Editora, Lisboa, 2005; José Eduardo Franco e Cristina Isabel Lucas da Silva, «Humor, Crítica e Autocrítica Religiosa: Incidências e Funcionalidades dos Usos do Humor na e Sobre a Igreja Católica», em *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Lisboa, nº20 (2017), pp. 225-248.

- FRANCO, José Eduardo e SILVA, Cristina Isabel Lucas da, «Humor, Crítica e Autocrítica Religiosa: Incidências e Funcionalidades dos Usos do Humor na e Sobre a Igreja Católica», em *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Lisboa, nº20 (2017), pp. 225-248.
- FRANCO, José Eduardo, “Prefácio” a Luís Machado de Abreu, *Portugal Anticlerical. Uma História do Anticlericalismo*, Prefácio de Luís Eduardo Franco, Gradiva, Lisboa, 2019, pp. 7-12.
- FREITAS, Tiago, «Clericalismo. Um problema real», em *Diário do Minho*, 05 de outubro de 2021.
- GAMA, Manuel, «A Fenomenologia da Religião (Mircea Eliade) e os Escritos da Irmã Lúcia (1907-2005)», em *Pensar Fátima, Leituras Interdisciplinares. Atas do Congresso Internacional do Centenário de Fátima*, Coordenação de Marco Daniel Duarte e Pedro Valinho Gomes, Vol. I, Edições do Santuário de Fátima, Fátima, 2021, pp. 307-329.
- GAMA, Manuel, «Rafael Bordalo Pinheiro: o hermeneuta (pelo traço) das “Conferências Democráticas”», em *A Geração de 70. Alberto Sampaio e os «Outros»*, Org. por Manuel Gama, Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho, Braga, 2008, pp. 159-177.
- GAMA, Manuel, *Percursos do Pensamento religioso em Portugal (Séculos XIX-XX)*, Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos, Braga, 2005.
- GOMES, Florbela Lopes da Silva, «A Violência e a Purificação no Anticlericalismo», em *Atas do Colóquio Anticlericalismo Português: História e Discurso*, Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, Aveiro, 2002, pp. 95-102.
- JARDIM, Vera, «O fim da "relação ideológica" entre Igreja e Estado», em *Diário de Notícias*, Lisboa, 06 de maio de 2014.
- JORGE, Ana Maria C. M., «Literatura e religião nas conferências do casino: as conferências de Augusto Soromenho e Eça de Queirós», em *Lusitânia Sacra*, Lisboa, 2ª Série, 1(1989), pp. 119-148.
- MACEDO, Jorge Borges de, «O anticlericalismo em Portugal no Século XIX. Ensaio de uma perspetiva sociológica», em *Communio*, Lisboa, 5(1985), pp. 440-450.
- MELO, Paulo Correia de, *Anekdotes e Outras Expressões de Anticlericalismo na Etnografia Portuguesa*, Roma Editora, Lisboa, 2005.
- MÓNICA, Maria Filomena, *Eça de Queirós*, 4ª ed., Quetzal Editores, Lisboa, 2001.
- QUENTAL, Antero de, *Novas Cartas Inéditas de Antero de Quental*, Introdução, organização e notas de Lúcio Craveiro da Silva, Faculdade de Filosofia, Braga, 1996.
- QUENTAL, Antero, *Causas da decadência dos povos peninsulares*, 4ª ed., Ulmeiro, Lisboa, 1982.
- SALGADO JÚNIOR, António, *História das Conferências do Casino (1871)*, tipografia da Cooperativa Militar, Lisboa, 1930.
- SARAIVA, António José, *A Tertúlia Ocidental. Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e outros*, Gradiva, Lisboa, 1990.
- SOROMENHO-MARQUES, Viriato, «A conferência do casino de Marcelo», em *Diário de Notícias*, Lisboa, 01 de maio de 2021.